

## Obsessiva devoção aos objetos

O objeto moderno carrega diversos atributos que o moldam, fazendo-o se adequar ao desejo social. A relação entre o desejo e um objeto é forte e estruturalmente marcada por uma relação de fetichismo, de "obsessiva devoção", não necessariamente pautada pelo valor de um objeto, mas pelo seu poder de sedução. Esta sedução se concretiza por meio de diversos artifícios, um dos mais decisivos sendo a *falta de imperfeições*, a integridade do objeto, seu brilho, sua suavidade, sua pureza - o objeto deve ter sido intocado por outros. Tal atributo, no entanto, entra em contraste com a presença da mediação gestual, com o signo expressivo, que se apresenta, em outros casos, também enquanto *elemento fetichizador* por assim dizer, dentre tantos.

A análise do fetiche transpassa diversas áreas do conhecimento, desde Sigmund Freud que coloca o fetichismo enquanto consequência do processo de castração, até o fetichismo da mercadoria de Karl Marx, que trata da percepção das relações sociais envolvidas na produção. De todo modo podemos observar a relevância do desejo e do fetiche para a transformação na nossa percepção do objeto. Objetos altamente fetichizados representam falsas imagens, com a forte conotação de "ídolo da mente" ou "ídolo do mercado" - ídolo no sentido daquilo a que se louva, ou se se deseja alcançar. Em algum nível, esses "ídolos" se tornam indistinguíveis, e as commodities que carregam esse valor oculto passam a se espelhar umas às outras, espelhando assim seus "ídolos" de ilusão. Tal commodity se tornaria então um simulacro degradado ou uma falsa representação de tais "ícones".

O fetichismo de mercadoria está fortemente atrelado à ideia que temos de poder, de quem detém o poder, ou à possibilidade de termos alguma espécie de poder ao possuímos tal objeto. No meio da arte, nosso senso de liberdade imaginativa passa pelo desejo de identificação com tais forças de poder e de dinheiro, que associamos como apoiadoras de tal senso. Uma espécie de patronagem permeia esta liberdade imaginativa, passando o conforto e a segurança de fazer parte de um grupo seletivo que tem alguma relação com aquele objeto artístico. O fetiche aparece, então, enquanto substituto deste poder real, ou, como McCollum coloca, enquanto “uma espécie de signo representando poder imaginário”

Andre Barion

São Paulo, 2022